

III DIALOGHUM

13, 14 e 15 de fevereiro de 2025

Limeira, SP

Anais



III DIALOGHUM

Limeira, 13, 14 e 15 de fevereiro de 2025
Faculdade de Ciências Aplicadas - Unicamp

COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação Geral

Eduardo Marandola Jr. (Unicamp)

Equipe

Beatriz Santos de Souza (Unicamp)
Efigênia Rocha Barreto da Silva (UEL)
Gabriela Pereira Santana (Unicamp)
Laysla Gabrielle da Silva Lima (Unicamp)
Nelson Cortes Pacheco Jr. (Unicamp)
Tiago Rodrigues Moreira (Unicamp)

Realização

GHUM-Grupo de Pesquisa Geografia
Humanista Cultural
NOMEAR-Grupo de Pesquisa Fenomenologia &
Geografia

Apoio

Universidade Estadual de Campinas-Unicamp
Faculdade Ciência Aplicadas-FCA
Laboratório de Geografia dos Riscos e
Resiliência-LAGERR
Programa de Pós-Graduação em Geografia-
PPGEO-UEL

Anais do III DialoGHUM, Limeira, Verão 2024-
2025

Projeto Gráfico, Normalização e Diagramação:
Efigênia Rocha Barreto da Silva

III DIALOGHUM

Apresentação

No ano de 2025 realizaremos o nosso III DialoGHUM, evento interno do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural com data marcada para os dias 13, 14 e 15 de fevereiro que será realizado na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), na cidade de Limeira (SP). Tem como objetivo congrega graduandos e recém-graduados, participantes dos diferentes grupos de pesquisa e de estudo encabeçados por nossos professores e pesquisadores, a partir da apresentação e discussão de seus trabalhos. O evento, além de incorporar pessoas interessadas na abordagem teórico-metodológica do grupo, inclusive a ampliando, enriquece o seu campo temático, uma vez que novos debates passam a fazer parte do nosso leque de conhecimentos e interesses. Todo evento é momento de encontros, antigos e novos, e o DialoGHUM surge, sobretudo, para dizer àqueles que estão chegando que sejam bem-vindos.

Equipe organizadora
Limeira, Verão de 2024-2025





PROGRAMAÇÃO

Quinta-feira, 13 de fevereiro de 2025

Trabalho de campo
(08:00h-12:00h)

Caminhar pela paisagem ou pelo lugar?

Exercícios geográficos

Eduardo Marandola Jr. (Unicamp)

Cine-debate

Cine Vaga-Lume

(14:00h-17:00h)

Debatedor: Gustavo Silvano Batista (UFPI)

Sexta-feira, 14 de fevereiro de 2025

Mesa de abertura

(08:30h-11:00h) Sala (UL 70 b)

“Que eu tenho a ver com isso?” A Geografia Humanista contemporânea como ciência implicada

Jamille da Silva Lima-Payayá (Unicamp)

Jeani Paschoal Moura (UEL)

Maíra Kahl Ferraz (IFSP)

ST Mobilidade

Coordenação: Tiago Rodrigues Moreira (Unicamp)

(13:30h) Sala (UL 70b)

Paisagem do medo: um estudo do bairro JD.

Nova Esperança, Londrina, Paraná

João Victor da S. Ramos (UEL)

Breno da Conceição Neto (UEL)

Jeani Delgado Paschoal Moura (UEL)



Mobilidade cotidiana no município de Limeira (SP): entre urbanidades e ruralidades

Laysla Gabrielle Lima (Unicamp)
Tiago Rodrigues Moreira (Unicamp)
Eduardo Marandola Jr. (Unicamp)

Migração: movimento e ação geofenomenológica e geopsíquica

Theo Goulart Araújo (UEL)
Jeani Delgado Paschoal Moura (UEL)

ST Gênero e Sexualidade

Coordenação: Larissa Uceli (Unicamp)
(14:45h) Sala (UL 70b)

Mulheres e terceirização: o trabalho das trabalhadoras da Unicamp nos caminhos das linhas de ônibus em Limeira (SP)

Gabriela Pereira Santana (Unicamp)
Eduardo Marandola Jr. (Unicamp)

A influência do lugar na construção de personagens gays em novelas brasileiras - Guilherme L. de Araújo Gomes (IFSP)

Maíra Kahl Ferraz (IFSP)

Ritmos, sons, e movimentos de afetividades e pertencimentos nos lugares LGBTQIAP+: uma ritmanálise da sonância-em-cores

Gustavo C. da Fonseca (UEL)
Jeani Delgado Paschoal Moura (UEL)

Café com prosa

ST Colonialidade

Coordenação: Efigênia Rocha Barreto da Silva (UEL)
(16:30h) Sala (UL 70b)

Diálogos com a terra a partir de Amelia Toledo

Heloisa Ribeiro Prates (IFSP)
Maíra Kahl Ferraz (IFSP)

Arquitetura Quilombola: Diálogos entre Nego Bispo e Yi-Fu Tuan

Isabely Vitória de O. Santos (FASESP)
Luiz Tiago de Paula (FASESP)



Lugar de afeto, morada de sobrevivência: as percepções topofílicas em “Torto Arado” de Itamar Vieira Junior

Caroline A. Naves (IFSP)

Maíra Kahl Ferraz (IFSP)

Sábado, 15 de fevereiro de 2024

Minicurso: (08:30h) Sala (UL 70b)

Enveredar-se pela Geografia Humanista

Douglas Vitto (UEL)

Efigênia Rocha Barreto da Silva (UEL)

Tiago Rodrigues Moreira (Unicamp)

Oficina: 08:30h Sala UL 70a

Metodologias Interseccionais para a Geografia:

mapeando sentimentos com Relief Maps

Beatriz Santos de Souza (Unicamp)

ST Lugar e Lugaridade

Coordenação: Douglas Vitto (UEL)

(13:30h) Sala (UL 70b)

As lugaridades no espaço celeste: uma abordagem fenomenológica sobre o céu e sua relação com o indivíduo

Adriano D. Dalmolin (UFPR)

Marcos Alberto Torres (UFPR)

O lugar como ponto de partida para aprendizagem dos conceitos geográficos

Ana Paula A. Vieira (FASESP)

Luiz Tiago de Paula (FASESP)

O conceito de Lugar para expressar: Yi-Fu Tuan no álbum “A Sinfonia de tudo que há” do Fresno

Nicolli Santos de O. Farias (IFSP)

Maíra Kahl Ferraz (IFSP)

Fronteiras Epistemológicas entre a Geografia e a História: Como os Alunos Apreendem os Conceitos de Espaço-Lugar e Tempo-Duração?

João Vitor de Paula (FASESP)

Luiz Tiago de Paula (FASESP)



ST Existência e Experiência

Coordenação: Nelson Pacheco Jr. (Unicamp)
(15:15h) Sala (UL 70b)

A Angústia no horizonte da existência:

Kierkegaard entre Heidegger e Adorno

Francisco V. Oliveira (UFPI)

Gustavo Silvano Batista (UFPI)

A experiência religiosa e a constituição do

geosímbolo: o monte de oração canaã,

MogiGuaçu (SP)

Gabriel Oliveira (Unicamp)

Nelson Cortes Pacheco Junior (Unicamp)

Eduardo Marandola Jr. (Unicamp)

Territorialidade: história, memória e patrimônio da Igreja da Santa Cruz das Almas dos Enforcados (1887)”

Priscilla Cássia Ferreira Vitorino (IFSP)

Maíra Kahl Ferraz (IFSP)

Café com prosa

ST Cultura e Cidade

Coordenação: Beatriz Santos de Souza
(Unicamp)
(16:30h) Sala (UL 70b)

Além do esporte, considerações a respeito das torcidas do futebol amador de Curitiba

Gabriel Primo Bissolotti (UFPR)

Marcos Alberto Torres (UFPR)

A Cidade e o Eu: Como abordar as análises da Geografia e da Sociologia na sala de aula a partir da relação entre Aluno x Professor x Cidade?

Samuel Satiro de Oliveira (FASESP)

Luiz Tiago de Paula (FASESP)

Skate Cultura: resistência, ocupação e direito à cidade e ensino de geografia

Victor Carvalho Lazarotti (UFPR)

Marcos Alberto Torres (UFPR)





Trabalho de campo

Caminhar pela paisagem ou pelo lugar? exercícios geográficos

Eduardo Marandola Jr. (Unicamp)

Os pés ou o corpo? A mente ou o espírito?

Algumas questões parecem distantes hoje, com vieses de classe ou de gênero, que parecem eclipsar debates que acompanharam a constituição do pensamento moderno. Nas experiências-limite contemporâneas, as mediações parecem desautorizar qualquer discurso de autoridade da experiência direta, por um grande número de argumentações.

Defender o campo, como “estar lá”, parece fora de contexto, diante da força dos fluxos de informação e das redes de mediação e de produção de subjetividades massificadas e atravessadas por dispositivos de individuação

logarítmica. Os lugares e as paisagens são gentrificados, globalizados e submetidos à mesma lógica de produção e de consumo instagramável. Para aqueles que buscam praticar o que se convencionou chamar de “Geografia Humanista”, com seu apelo ao “espírito” e ao “sentido” do lugar, fica difícil não se perguntar ou ter que lidar com questionamentos quanto à pertinência de práticas de campo que parecem remeter a um mundo mais lento, menos conectado e, de maneira geral, mais analógico.

Seria o caminhar uma prática descontextualizada de imersão nos lugares que remete a uma visão romântica e arcaica que se distancia da realidade geográfica contemporânea?

Essa é uma das perguntas que orientam esse campo, pensado como conjunto de exercícios geográficos. As práticas propostas visam tensionar

nossa própria inserção nos lugares, remetendo, no limite, a outra questão fundamental: **caminhamos por lugares ou por paisagens?**

Os exercícios visam alternar possibilidades de experiência, para que o “estar lá” não seja um mero exercício de passividade desinteressada. “Estar lá” é um deixar-se na medida em que se engaja – um mergulho em que se implica à medida em que não se pode esquivar, mas como criação, não como captação, cooptação ou explorar: estar-com.

Mas em que medida o “lá” não é, já, o “aqui”? Talvez essa seja uma terceira pergunta problemática mobilizadora do caminhar.

Referências

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo.** Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

GRÓS, Frederic. **Caminhar, uma filosofia.** São Paulo: É Realizações, 2011.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LIMA-PAYAYÁ, Jamille da Silva. A Geografia como um fazer: possibilidades da pesquisa implicada para os estudos geográficos. In: OLIVEIRA, Adão Francisco de; GONÇALVES, Ricardo Júnior de Assis; MARQUES, Ana Carolina de Oliveira; SIMÕES, Willian; BARROS, Cezar. (Org.). **Geografias da esperança:** Revisitar o Brasil, dialogar com o mundo. 1ed. Anápolis: Editora UEG, 2024. p. 69-80.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Ensinar-aprender fenomenologia:** trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência. Teresina: Cancioneiro, 2024.

MARANDOLA JR., Eduardo. Sobre a metodologia. **Habitar em risco:** mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana. São Paulo: Blucher, 2014. p. 201-2013.



MARANDOLA JR., Eduardo. Mapeando "londrinas": imaginário e experiência urbana. **Geografia**, v. 33, p. 103-126, 2008.

MARANDOLA JR., Eduardo. Narrativas calvinianas: da descrição do explorador ao percurso do andarilho. **Rua**, n.12, p. 45-58, 2006.

THOREAU, David. **Caminhada**. Lisboa: Antígona, 2018.

DIALO GHUM

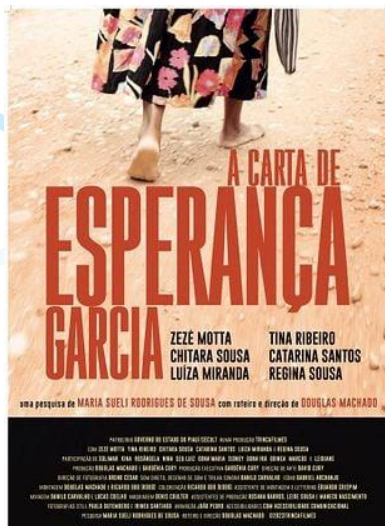


13 de fevereiro de 2025

Cine-debate

(14:00h-17:00h) Cine Vaga-Lume

Debatedor: Gustavo Silvano Batista (UFPI)



Ficha técnica

A Carta de Esperança Garcia

Documentário 105 minutos

14 de novembro de 2024

Direção: Douglas Machado

Roteiro: Douglas Machado

Elenco: Zezé Motta

Distribuidora: Trinca Filmes

Sinopse

Uma carta escrita por uma mulher negra escravizada denunciando os abusos sofridos nas mãos dos escravizadores é a engrenagem do documentário A Carta de Esperança Garcia. Em 6 de setembro de 1770, Esperança Garcia redigiu uma carta para o então governador da Capitania de São José do Piauí. Anos mais tarde, na década de 1970, mais especificamente em 1979, o antropólogo Luiz Mott encontrou a correspondência no



Arquivo Público do Piauí. Logo se tornou um símbolo da resistência negra brasileira e Esperança Garcia foi colocada nos holofotes da história. O documentário de Douglas Machado, com isso, reconta a história de Esperança e sua relação com o presente, trazendo Zezé Motta como mediadora. Em quatro atos, o filme aborda as realidades negras contemporâneas e as lutas antirracistas e por direitos civis no Brasil. A carta de Esperança é ainda relida por outras cinco mulheres negras, traçando paralelos entre o passado e o presente.

DIALO GHUM



Minicurso: (08:30h) Sala (UL 70b)
Enveredar-se pela Geografia Humanista
Douglas Vitto (UEL)
Efigênia Rocha Barreto da Silva (UEL)
Tiago Rodrigues Moreira (Unicamp)

O minicurso tem como objetivo explorar teoricamente as múltiplas possibilidades dos caminhos metodológicos ancorados no escopo do Grupo de Geografia Humanista Cultural nos últimos tempos, envolvendo temas diversos em amplos campos das ciências humanas. O minicurso tem como ponto de partida refletir sobre o esforço metodológico anterior a teoria, como potencial de desvelamento do fenômeno estudado.

Oficina: (08:30h) Sala (UL 70a)
Metodologias Interseccionais para a Geografia: mapeando sentimentos com Relief Maps
Beatriz Santos de Souza (Unicamp)

Os lugares são vividos interseccionalmente pelos diversos sujeitos que a habitam. Desenvolvido pela geógrafa Maria Rodó-de-Zárate em seu doutorado sobre acesso dos jovens ao espaço público urbano numa cidade de média dimensão da Catalunha, Manresa a partir das geografias feministas, os Relief Maps são uma metodologia destinada a estudar as desigualdades sociais sob uma perspectiva interseccional relacionando três dimensões: a social (posições ou identidades de gênero, classe social, etnia, idade, etc.), a geográfica (locais de vida quotidiana) e psicológico (efeitos nas emoções).



Sessão Temática 01

Mobilidade (16:30h) (UL 70b)

Coordenação: Tiago Rodrigues Moreira (Unicamp)

PAISAGENS DO MEDO: UM ESTUDO DO BAIRRO JD. NOVA ESPERANÇA, LONDRINA, PARANÁ

João Victor da Silva Ramos

(Universidade Estadual de Londrina - UEL)

joao.victordasilva.ramos@escola.pr.gov.br

Breno da Conceição Neto

(Universidade Estadual de Londrina - UEL)

breno.neto2023@uel.br

Jeani Delgado Paschoal Moura

(Universidade Estadual de Londrina - UEL)

jeanimoura@uel.br

Medo urbano. Insegurança. Percepção de risco. Segurança pública.

As cidades enfrentam uma série de problemas, entre eles o que merece destaque é o medo e a insegurança na sociedade. Esses sentimentos impõem restrições aos indivíduos, levando-os a evitar certos locais, considerados mais perigosos e inseguros que outros. Esta pesquisa tem como objetivo discutir o medo e a insegurança no espaço urbano, com foco no bairro Jardim Nova Esperança, localizado em uma periferia carente em Londrina-PR. A questão norteadora deste estudo é: quais são os locais e os fatores que influenciam o medo e a insegurança no ambiente



urbano? Para responder a essa questão, foram realizados estudos bibliográficos que demonstram como o medo e a insegurança podem moldar as paisagens urbanas e impactar a vida cotidiana. Buscamos analisar também como essas sensações se manifestam no bairro em questão, utilizando observações e, principalmente, entrevistas realizadas com os moradores. A partir da pesquisa realizada, reunimos dados sobre os principais fatores que contribuem para o medo e a insegurança e a partir dos resultados analisamos as possíveis soluções para mitigar esses problemas, segundo a percepção dos entrevistados. Foram realizadas 18 entrevistas com moradores do bairro em estudo, sobre medo e insegurança. A análise dos dados coletados revelou um panorama detalhado sobre o fenômeno do medo e da insegurança no bairro Jardim Nova Esperança, articulando fatores de gênero, raça, classe social e localização espacial. Os locais de medo e insegurança foram mapeados a partir das entrevistas, destacando a Rua Rosane

Wainberg como o principal ponto crítico, seguida de outras ruas mencionadas pelos entrevistados. Esse mapeamento espacial é fundamental para a compreensão das dinâmicas de insegurança no bairro e para a identificação das áreas mais vulneráveis. As questões de gênero e raça desempenham um papel importante na percepção do medo. Dos 18 entrevistados, 10 são mulheres e 11 se declararam negros, o que sugere que as experiências de insegurança são marcadas por fatores que vão além da simples localização geográfica, estando imbricadas em questões sociais e identitárias. Mulheres e pessoas negras, historicamente mais vulneráveis à violência urbana, relataram suas experiências de forma que revela a interseccionalidade entre gênero, raça e insegurança. Os elementos causadores do medo variam entre a falta de iluminação, o tráfico de drogas, a ausência de policiamento e ameaças de assaltos, o que demonstra uma multiplicidade de fatores que afetam a sensação de segurança dos moradores. Esses elementos estão relacionados a

momentos específicos do dia, com a noite sendo apontada como o período de maior vulnerabilidade. Quanto aos sistemas de segurança, a ausência ou precariedade desses mecanismos é um fator que acentua a sensação de vulnerabilidade. Embora alguns moradores mencionem a presença de câmeras ou policiamento, a maioria relata não dispor de nenhum tipo de segurança pública ou privada. Isso reforça a necessidade de investimentos em infraestrutura e políticas de segurança que atendam às demandas da população local. Finalmente, as soluções para a insegurança apontadas pelos entrevistados refletem a necessidade de uma atuação conjunta entre o poder público e a comunidade. O aumento do policiamento, a melhoria da infraestrutura urbana e a criação de projetos comunitários são propostas que emergem como caminhos possíveis para aumentar a sensação de segurança no bairro. A análise sobre o bairro Jardim Nova Esperança demonstrou como o medo e a insegurança estão

profundamente enraizados no espaço urbano. Em suma, a insegurança no bairro é resultado de uma combinação de fatores sociais e estruturais que afetam o cotidiano dos moradores. Para mitigar esse cenário, é essencial que o poder público, em parceria com a comunidade, implemente ações, como aquelas indicadas pelos próprios moradores, que promovam um ambiente urbano mais seguro e acolhedor, permitindo que os moradores recuperem a tranquilidade e confiança em seu espaço de vivência.

MOBILIDADE E ESPAÇOS DE VIDA EM LIMEIRA: CONEXÕES ENTRE O URBANO E RURAL

Laysla Gabrielle da Silva Lima

(Universidade Estadual de Campinas - Unicamp)
1171998@dac.unicamp.br

Tiago Rodrigues Moreira

(Universidade Estadual de Campinas - Unicamp)
t229845@dac.unicamp.br

Eduardo Marandola Junior

(Universidade Estadual de Campinas - Unicamp)
eduardo.marandola@fca.unicamp.br

Ruralidade. Urbanidade. Experiência.

De fenômeno pontual, a mobilidade se tornou um paradigma social, sendo utilizada como prisma teórico para compreender as mudanças sociais de uma sociedade globalizada. Neste contexto, a mobilidade cotidiana é de difícil mensuração, uma vez que engloba não apenas aspectos físicos, mas também a forma como nos relacionamos com o espaço. Seja em grandes centros urbanos ou áreas rurais, as profundas transformações nos

meios de transporte e comunicação produziram novas formas espaciais que modificaram as estruturas sociais e a maneira como nos deslocamos e nos relacionamos com territórios, paisagens e lugares. A crescente interconectividade entre espaços, a fragmentação de territórios e a reconfiguração das paisagens são características marcantes desse fenômeno, onde a mobilidade não é apenas um movimento físico, mas um complexo que influencia a identidade e a experiência dos moradores. Com o objetivo de analisar essas dinâmicas em um contexto local, esta pesquisa teve como foco compreender a mobilidade cotidiana no município de Limeira. Para isso, foram escolhidos dois bairros, um urbano (o Jardim Santa Eulália) e outro rural (o Pinhal). Foi adotada uma abordagem fenomenológica analisando dados qualitativos, através de conversas realizadas com os moradores



desses bairros e a confecção de mapas de espaços de vida a partir dos relatos. A abordagem fenomenológica possibilitou uma compreensão mais profunda das experiências subjetivas dos indivíduos com o espaço, revelando como a mobilidade está intrinsecamente ligada ao modo de habitar e pensar o mundo. A pesquisa mostrou que as mobilidades cotidianas variam significativamente conforme o perfil dos moradores, especialmente em relação ao gênero, idade e condições socioeconômicas. Além disso, o estudo revelou como a relação entre ruralidades e urbanidades se faz presente em ambos os espaços, e em como as experiências dos moradores de Limeira refletem uma coexistência de rural e urbano, expressa nas práticas de mobilidade e nas formas do habitar

GHUM



MIGRAÇÃO: MOVIMENTO E AÇÃO GEOFENOMENOLÓGICA E GEOPSÍQUICA

Theo Goulart Tavares de Lima Araujo
(Universidade Estadual de Londrina - UEL)
theolimatg@gmail.com

Jeani Delgado Paschoal Moura
(Universidade Estadual de Londrina - UEL)
jeanimoura@uel.br

Geografia Humanista. Geofenomenologia. Migração.

Migrar é o ato de mover-se, uma ação essencial que, embora tenha motivações diversas, é profundamente pessoal. Na perspectiva geofenomenológica, o lugar, onde os fenômenos e sensações ocorrem, está intimamente ligado à ação de migrar. Surge assim o conceito de lugaridade, que representa o sentimento de pertencimento a um espaço ou território. Quando a migração acontece, os indivíduos carregam consigo traços culturais de seus territórios de origem, que se transformam no novo contexto. A cultura, sendo um dos pilares que conecta as

pessoas ao território, sofre mutações ao longo desse processo de deslocamento. O Brasil, entre os séculos XV e XIX, experimentou intensos fluxos migratórios, o que moldou parte da sociedade atual. Esses processos continuam, com diferentes grupos vivenciando a migração de formas novas. Na Universidade Estadual de Londrina (UEL), migrantes de várias partes do mundo chegam tanto por meio de intercâmbios sazonais quanto por migrações definitivas de estudantes. Esses fluxos migratórios contemporâneos têm raízes históricas, desde a colonização europeia até a era da globalização. Contudo, o que intriga é como esse movimento é percebido e sentido pelos migrantes. Comparado a um arco narrativo, o processo migratório tem início, meio e fim, com cada etapa sendo vivenciada de maneira única. O que se torna interessante é como esses indivíduos formam novos “lugares geopsíquicos” em

territórios desconhecidos e como suas culturas são recebidas e transformadas no novo espaço. A pesquisa em questão busca explorar essa complexidade, entendendo o que envolve a saída de uma pessoa de seu território natal para um novo país. Mais do que apenas as razões práticas da mudança, a intenção é investigar os sentimentos e percepções em relação ao novo ambiente. Também se examinará como costumes, culturas e comportamentos dos migrantes se mesclam no processo de adaptação ao novo território. Especificamente, a pesquisa focará nas migrações de estudantes migrantes para a UEL, investigando os dados e as motivações que os levam a deixar seus países e atravessar continentes em busca de uma nova experiência educacional. A análise visa mostrar como a jornada migratória entrelaça geografias antigas e novas, criando novas formas de pertencimento e identidade para os migrantes.

GHUM





Sessão Temática 02

Gênero e Sexualidade (15:00h) Sala (UL 70b)

Coordenação: Larissa Uceli (Unicamp)

MULHERES E TERCEIRIZAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DAS TRABALHADORAS DA UNICAMP NOS CAMINHOS DAS LINHAS DE ÔNIBUS EM LIMEIRA (SP)

Gabriela Pereira Santana

(Universidade Estadual de Campinas - Unicamp)

g168783@dac.unicamp.br

Eduardo Marandola Junior

(Universidade Estadual de Campinas - Unicamp)

eduardo.marandola@fca.unicamp.br

Direito à cidade. Mobilidade urbana. Geografia Feminista.

As trabalhadoras terceirizadas do campus de Limeira (SP) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), vivenciam um cotidiano marcado por desafios estruturais em diversas

camadas dentro da sociedade, sendo muitas vezes relacionados ao trabalho e nessa pesquisa traremos o foco para sua mobilidade no transporte público da cidade de Limeira (SP). Atuando em funções essenciais como limpeza, segurança e alimentação dentro da Unicamp, essas mulheres enfrentam uma dupla jornada de trabalho: em casa e na universidade e, nesse trajeto, precisam lidar com os obstáculos diários das rotas de ônibus em seus movimentos pela cidade. Este estudo tem como objetivo aprofundar as vivências e experiências cotidianas de mulheres trabalhadoras



terceirizadas da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) no campus de Limeira (SP), por meio de observações dos movimentos básicos e é nesse movimentar que pode haver a evolução e transformação de algo rotineiro em barreiras, influenciando não apenas a mobilidade física, mas também no impacto para a vivência dessas mulheres e sua percepção do que é percorrer a cidade entre suas nuances. É nessa medida a nível do observável e no percorrer de seus caminhos e paisagens, saber se essas mulheres se questionam (ou não) quanto ao exercício da sua mobilidade no direito à cidade e quais são as implicações para se ter esse direito e se há uma sensibilidade de se questionar quanto a isso, se é algo que as atravessam ou se fica apenas no imaginário de quem almeja uma mudança. O estudo parte do entendimento de que a mobilidade dentro do contexto urbano da cidade deve ser compreendida de forma ampla, superando a visão limitada de uma questão meramente técnica ou logística. A mobilidade abrange dimensões sociais e

subjetivas, expressas no movimento e na corporeidade das pessoas que utilizam o transporte público e em sua ocupação do espaço, pois não é apenas o ato de ir de um ponto ao outro, mas uma experiência viva, marcada por interações dinâmicas com o espaço urbano. Neste contexto, a cidade de Limeira serve como recorte para o estudo, onde as linhas de ônibus que conectam as regiões norte, sul, leste e oeste, são objeto de análise a partir das trajetórias percorridas diariamente pelas mulheres, em seus trajetos entre casa e trabalho. Para mapear esses trajetos de maneira detalhada, será utilizado o aplicativo Fieldmaps, que permitirá o registro dos caminhos percorridos pelas trabalhadoras, identificando os principais pontos de vulnerabilidade no espaço em si e como é distribuído o acesso ao transporte e suas limitações, evidenciando as desigualdades socioespaciais perceptíveis. Evidenciando sobre as experiências dessas trabalhadoras, a pesquisa visa contribuir para a discussão e compreensão de

como as condições urbanas desenvolvidas e conhecidas até o momento, geraram impacto quanto a questão da mobilidade urbana no transporte público focado no uso por mulheres. Assim, a pesquisa não apenas discutirá como o transporte age como um serviço, mas também como um elemento que integra e afeta profundamente a vivência urbana, diretamente interligado na vivência das mulheres e quais são socialmente mais atingidas. O uso da fenomenologia, servirá como um aporte dentro do estudo, onde por meio de conversas biográficas permitirá uma melhor análise de suas relações e vivências com o espaço urbano e no transporte público de Limeira.

DIALOGHUM

A INFLUÊNCIA DO LUGAR NA CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS GAYS EM NOVELAS BRASILEIRAS

Guilherme Lins de Araújo Gomes
(Instituto Federal de São Paulo - IFSP)
guilherme.lins@aluno.ifsp.edu.br

Maira Kahl Ferraz
(Instituto Federal de São Paulo - IFSP)
mairakf@ifsp.edu.br

Representação. Gays. Teledramaturgia.

A pesquisa intitulada A Influência do Lugar na Construção de Personagens LGBT em Novelas Brasileiras surgiu da constatação da falta de estudos aprofundados sobre como o contexto geográfico e social influencia a caracterização de personagens LGBT nas novelas brasileiras. Desde criança, desenvolvi um apreço pelas novelas e reconheci nelas uma poderosa ferramenta de influência na sociedade. O estudo visa preencher essa lacuna e contribuir para um entendimento mais abrangente das representações LGBT na mídia televisiva brasileira. A pesquisa tem como

objetivo principal investigar como diferentes lugares, com suas características socioespaciais, influenciam a representação de personagens LGBT nas novelas. O conceito de lugar utilizado no estudo é baseado nas definições de Fu Tuan (1977) e Eduardo Marandola Jr. (2020), que destacam o papel de significados subjetivos e características socioculturais na formação das experiências e identidades dos indivíduos. A hipótese é que o ambiente geográfico e cultural das regiões onde as novelas são produzidas impacta a construção desses personagens, moldando suas características, narrativas e interações. A pesquisa também analisa a representatividade LGBT nas novelas sob a perspectiva da geografia humanista. Através da análise de produções televisivas de diferentes regiões do Brasil, o estudo busca identificar padrões e contrastes nas representações de

personagens LGBT, examinando a complexidade psicológica, estereótipos e relacionamentos presentes nas tramas. O trabalho também explora como essas representações influenciam a percepção do público e a aceitação da diversidade sexual na sociedade brasileira. Embora existam alguns estudos sobre a representação LGBT nas telenovelas brasileiras e sobre o conceito de lugar na geografia humanista, ainda não há trabalhos que unam essas duas áreas de análise. Assim, a pesquisa se apresenta como uma contribuição relevante para a geografia cultural e para a discussão sobre a representatividade LGBT na teledramaturgia. A fonte empírica da pesquisa inclui novelas como Amor à Vida (2013), A Força do Querer (2017) e Babilônia (2015), que abordam temas LGBT em suas tramas. Essas novelas são analisadas em conjunto com textos teóricos e pesquisas anteriores que tratam da representação homossexual na televisão brasileira e do conceito

de lugar na geografia humanista. O estudo segue um cronograma que inclui o estudo teórico inicial, seguido da análise das fontes empíricas, com reuniões periódicas com a orientadora para acompanhamento e revisão do conteúdo antes da apresentação final. Dessa forma, o trabalho busca contribuir tanto para os estudos de representatividade LGBT nas novelas quanto para uma geografia que reflita as realidades culturais do Brasil, enfatizando a importância do contexto geográfico na construção das identidades retratadas nas novelas.

RITMOS, SONS E MOVIMENTOS DE AFETIVIDADE E PERTENCIMENTO NOS LUGARES LGBTQIAP+: UMA RITMANÁLISE DA SONÂNCIA-EM-CORES

Gustavo Costa da Fonseca

(Universidade Estadual de Londrina - UEL)

gustavo.costa.dafonseca@uel.br

Jeani Delgado Paschoal Moura

(Universidade Estadual de Londrina - UEL)

jeanimoura@uel.br

Espaço. Identidade. Experiências. Comunidade LGBTQIAP+.

Quando Tuan afirmou que o lugar é um espaço carregado de valor, sentimento e afinidade (Tuan, 2013). Esse lugar, único para cada indivíduo, se molda ao longo do tempo, com seus próprios movimentos, ritmos e sons. Refletindo sobre isso, entendemos que um espaço não precisa ser belo, agradável ou estável para se transformar em lugar; ele pode ter um ritmo caótico e doloroso, como acontece nos espaços LGBTQIAP+. Esses ritmos caóticos e dolorosos, podem ser ocasionados por

todo medo e insegurança que esses lugares festivos LGBTQIAP+ transmitem por conta de toda violência e preconceito sobre esses lugares, sobretudo, é essencial entender sua importância para a existência das corporeidades dos corpos queers, que sobrevivem no meio desses movimentos, encontrando modos e medidas de se florescer. Pode-se citar bares e baladas, como espaços que promovem a sensação de pertencimento e a construção de identidade por meio de sons, ritmos e cores, conectando o conceito de lugar a esses espaços queer. Ao explorar a ideia de lugar e pertencimento, o conceito de “fazer pertencer” foi fundamental para entender as emoções e sentimentos que conectam o corpo e a espiritualidade, permitindo a permanência nesses lugares (Marandola Jr., 2014). No contexto LGBTQIAP+, espaços como



baladas e bares desempenharam papel central, onde a música, a representatividade e até a necessidade de sobrevivência ajudam a construir identidades. Esses espaços queer ofereceram acolhimento e pertencimento, permitindo a expressão de identidades muitas vezes reprimidas ou ocultadas. Utilizando a ritmanálise de Lefebvre (2021) como metodologia principal, o estudo analisou os sons e ritmos desses espaços a partir de observações participantes. A análise, denominada “ritmanálise da sonância-em-cores”, foi dividida em três atos: abertura, clímax e crepúsculo, captando os movimentos e corporeidades presentes nesses espaços performáticos. Moreira (2020) introduz o conceito de sexualidade-em-situação, que afirma que a liberdade sexual autêntica só é possível quando não há repressão, mas vivência plena. Esses encontros, como os proporcionados por bares e casas de acolhimento, foram essenciais para que pessoas LGBTQIAP+ afirmassem suas identidades, distantes do padrão heteronormativo.

Os resultados revelaram uma compreensão mais profunda dos papéis de sons, ritmos e cores na criação de identidades e no pertencimento da comunidade LGBTQIAP+ nesses espaços. Foi evidenciado como a música, segundo Lindstrom (2007), transforma a identificação, resistência e aceitação em celebração. Estudos de Melo e Guedes (2018) reforçaram que a música intensifica a sensação de pertencimento em relação ao espaço, amplificando a conexão entre os frequentadores e suas vivências. Assim, a pesquisa contribuiu para o campo de estudos sobre espaços queer ao demonstrar como as experiências sensoriais em lugares festivos constroem e reforçam a identidade e o pertencimento dentro da comunidade LGBTQIAP+.



Sessão Temática 03

Colonialidade (13:30h) Sala (UL 70b)

Coordenação: Efigênia Rocha Barreto da Silva (UEL)

DIÁLOGOS COM A TERRA A PARTIR DE AMELIA TOLEDO

Heloisa Ribeiro Prates

(Instituto Federal de São Paulo - IFSP)

heloisaprates.contato@gmail.com

Maira Kahl Ferraz

(Instituto Federal de São Paulo - IFSP)

mairakf@ifsp.edu.br

Geografia. Arte. Geograficidade. Decolonialidade.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as interconexões entre arte, geografia e decolonialidade, utilizando as obras da artista Amelia Toledo como objeto de estudo. Reconhecida por sua profunda relação com a Terra, Toledo vai além da estética convencional,

abordando o ambiente natural como um ente com o qual se pode dialogar, em vez de meramente um recurso a ser explorado. A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica e na análise de obras específicas de Amelia que permite uma compreensão aprofundada das ideias centrais do estudo. O trabalho está organizado em três seções principais. A primeira discute o conceito de Terra Arte (*Land Art*) e Geograficidade segundo Eric Dardel, além de explorar as contribuições de autores do Sul Global, como Ailton Krenak e Antônio Bispo. Essa seção também aborda a descolonização da educação, ressaltando a necessidade de uma nova perspectiva que



reconheça a interdependência entre o ser humano e a natureza. Na segunda seção, apresenta-se uma breve biografia de Amélia Toledo, enfatizando sua trajetória artística e seu engajamento com questões ambientais. Destaca-se como a artista utiliza elementos naturais em suas obras, refletindo a Geograficidade proposta por Dardel. Desde o início de sua carreira, Amélia buscou inovar em suas práticas artísticas, estabelecendo uma conexão profunda com a natureza, que se revela em sua abordagem decolonial. A análise de sua obra evidencia um compromisso com a sustentabilidade e uma crítica às formas convencionais de relacionamento com o espaço natural. Por fim, a terceira seção propõe uma sequência didática que utiliza as obras de Amélia Toledo como objeto de estudo, visando estimular reflexões críticas sobre a interdependência entre arte e meio ambiente e a Geograficidade. A sequência inclui atividades práticas e reflexivas, incentivando os alunos a explorar suas próprias conexões com a natureza e a arte.

GHUM



ARQUITETURA QUILOMBOLA: DIÁLOGOS ENTRE ANTÔNIO BISPO E YI-FU TUAN

Isabely Vitória de Oliveira Santos

(Faculdade Sesi de Educação de São Paulo - FASESP)
isabelysantos006@gmail.com

Luiz Tiago de Paula

(Faculdade Sesi de Educação de São Paulo - FASESP)
luiz.paula@sesisp.org.br

Cosmologia. Espaço. Experiência.

“Quando meus olhos estão sujos da civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves.” - Manoel de Barros Partindo da premissa do poeta Manoel de Barros, que expressa o anseio pela conexão com a natureza em contraste com a exposição à “civilização”, este trabalho se fundamenta nas ideias do mestre Antônio Bispo dos Santos e seu exercício de contracolonialismo. Ele defende a reconexão com o cosmos e afastamento das imposições civilizadoras do ocidentalismo. Assim, este estudo visa confluenciar os saberes tradicionais do

quilombola Antônio Bispo às teorias do geógrafo humanista Yi-Fu Tuan sobre construções arquitetônicas e a perspectiva experiencial. O foco está nos saberes tradicionais, na arquitetura quilombola e sua cosmovisão, explorando como as relações com o espaço podem transformá-lo em lugar através da experiência afetiva. Para Yi-Fu Tuan, o lugar representa segurança, enquanto o espaço simboliza liberdade. Contudo, o espaço é mais abstrato que o lugar, podendo se transformar em lugar através da experiência e atribuição de valores. Assim, o lugar é o espaço enriquecido com significado. Dessa forma, o espaço arquitetônico também é afetivo, pois tem a capacidade de impactar as pessoas que o vivenciam. O autor nos revela que até mesmo uma habitação modesta pode simbolizar o cosmos. Ele utiliza como exemplo as comunidades orais, para as quais a moradia não serve apenas como abrigo,



mas também como um ambiente propício para a celebração de seus ritos e organização de suas atividades econômicas. Assim também, Bispo nos apresenta a ideia da intencionalidade na construção da casa quilombola. Ele destaca que a arquitetura é adequada às atividades cotidianas praticadas em cada cômodo. Um dos princípios para sua construção é a escolha do local, muitas vezes realizada ainda na infância. Quando criança, pratica-se o exercício de procurar o lugar ideal para construir a casa. Observa-se a posição do sol durante a manhã e à tarde, e busca-se uma grande árvore para garantir sombra. Portanto, a arquitetura quilombola está inserida em uma relação cosmológica. Ademais, na arquitetura quilombola, a parte mais importante de uma casa é o quintal. Esse espaço é essencial, pois é onde as crianças experienciam o mundo ao seu redor. Antônio explica que o quintal também é o lugar reservado pelos quilombolas para a construção das casas das futuras gerações. Além de ser um lugar de aprendizado, é crucial para a perpetuação

da tradição quilombola. Outro espaço fundamental para a experiência e convivência é a cozinha, que é o maior cômodo e o lugar de recepção. Para o autor, a cozinha é o melhor lugar da arquitetura quilombola, pois é o espaço que exige mais cuidado. É um ambiente de interação social, compartilhamento de saberes e organização de tarefas. Sabendo que os quilombolas fazem parte de comunidades orais, os espaços de compartilhamento são essenciais nas suas construções arquitetônicas. No entanto, as políticas públicas de habitação frequentemente desconsideram os modos de vida das comunidades cosmológicas e a dimensão ritualística da experiência. A tradição eurocêntrica hegemônica é utilizada como instrumento de colonização. O mestre Antônio Bispo destaca que o programa habitacional “Minha Casa, Minha Vida” é o projeto mais colonialista nas políticas de habitação, pois constrói casas que não levam em conta a experiência no espaço e a territorialidade das

comunidades. Quando essa política chega aos quilombos, ela modifica a arquitetura e exclui a parte mais essencial, o quintal, subjugando a arquitetura que antes existia no espaço. Portanto, levar em consideração a experiência no espaço é crucial para que as construções arquitetônicas sejam não apenas funcionais, mas também afetivas.

DIALOGHUM

LUGAR DE AFETO, MORADA DE SOBREVIVÊNCIA: AS PERCEPÇÕES TOPOFÍLICAS EM “TORTO ARADO” DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Caroline Azevedo Nunes

(Instituto Federal de São Paulo - IFSP)
caroline.azevedo.naves@gmail.com

Maira Kahl Ferraz

(Instituto Federal de São Paulo - IFSP)
mairakf@ifsp.edu.br

Topofilia. Geograficidade. Lugaridade. Habitar.

Com o intuito de investigar as relações existentes entre a Geografia Humanista e a Literatura, esta pesquisa trata da topofilia, geograficidade e lugaridade presentes no livro *Torto Arado* (2019), de Itamar Vieira Junior. As partes buscam desenvolver uma síntese dos embasamentos teóricos que delinearão a tese das percepções topofílicas em *Torto Arado*, assim como os diálogos que se cruzam nas áreas literárias e geográficas, trazendo uma aproximação entre o sujeito e as diferentes percepções do meio

ambiente, e como isso é representado na Literatura tendo como base a realidade. Durante este trabalho, buscou-se averiguar, recorrendo aos valores, atitudes e subjetividade humana, como se dá a percepção e o habitar a terra das personagens em relação ao meio que vivem. Para isso, utilizamos a obra *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012), de Yi-Fu Tuan, no qual o autor examina, em diferentes níveis, o comportamento humano para com o meio, estabelecendo uma análise do elo afetivo entre a pessoa e o lugar. Tuan elenca quatro conceitos para desdobrar sua obra, são eles: a percepção, a atitude, a visão de mundo, e a topofilia, que dá nome ao livro. Ademais, a pesquisa ancorou suas bases em proposições de outros autores, como Martin Heidegger, Gaston Bachelard e Eduardo Marandola Jr., além do



escrito *A terra dá, a terra quer* (2023), do pensador quilombola Antonio Bispo, que proporciona uma interseccionalidade e um diálogo bem aproximado com Torto Arado. Dessa maneira, no estudo da obra de Vieira Junior à luz dos conceitos da Geografia Humanista, foi possível perceber que algumas personagens, como Belonísia e Bibiana, mantinham relações evidentes e intrínsecas com a terra, criando e mantendo vínculos, afetividade e raízes com o lugar, através da cultura, identidade, comunidade quilombola local, o trabalho com a terra e com a espiritualidade proporcionada pelo Jarê, religião de matriz africana característica da Chapada Diamantina, diferentemente da relação com a terra mantida pelos donos da Fazenda Água Negra e de tantas outras pela região, voltada a um caráter exploratório e predatório das riquezas da natureza bem como da população que vivia em um regime de servidão.

GHUM





Sessão Temática 04

Lugar e Lugaridade (16:30h) Sala (UL 70b)

Coordenação: Douglas Vitto (UEL)

AS LUGARIDADES NO ESPAÇO CELESTE: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA SOBRE O CÉU E SUA RELAÇÃO COM O INDIVÍDUO

Adriano Duarte Dalmolin

(Universidade Federal do Paraná - UFPR)

adrianoddalmolin@gmail.com

Marcos Alberto Torres

(Universidade Federal do Paraná - UFPR)

marcostorres@ufpr.br

A astronomia ligada à geografia a partir de um ponto de vista cultural revela uma relação entre o universo simbólico do céu e o cotidiano em diversas culturas. Os estudos da percepção do céu como espaço vivido são capazes de identificar que o céu não é apenas parte de uma ciência

materialista e que precisamos de uma abordagem capaz de entender essas relações, permitindo explorar o céu como parte do cotidiano. Ao olhar para o céu, o ser humano busca compreender sua própria existência. No entanto, essa conexão tem sofrido um apagamento através da luminosidade e poluição atmosférica. Além disso, podemos abordar as populações tradicionais, que o apagamento do céu é político, desconsiderando seus saberes. Em Topofilia, Tuan descreve a presença do céu na cosmovisão de diversos povos. Os bosquímanos, por exemplo, precisam



desenvolver uma rede de interdependência suprimindo o individualismo, indo além das atividades mundanas, conectando as pessoas através das relações humanas pautadas nos movimentos do céu. Essas atividades mundanas estão na dimensão horizontal de vivências, atravessando o meio biossocial. A dimensão vertical rege as questões espirituais e temporais, são as que vão além das exigências diárias. O espaço celeste sob um viés fenomenológico, foge do cientificismo tradicional e além de atestar a viabilidade do projeto, serve como provocação para uma área da geografia que precisa ser explorada nos diversos paradigmas científicos, buscando a consciência geográfica e outras formas de representação, abrindo precedente para diferentes olhares que atravessam as dinâmicas socioespaciais em múltiplas camadas, por isso a importância de sentir, estar e perceber o espaço, buscando diferentes perspectivas. Outros olhares sobre a geografia trazem novos estudos sobre ela. O trabalho objetiva aprofundar a influência do céu

nas relações sociais, estudar as percepções dos sujeitos sobre o espaço celeste e entender as dinâmicas urbanas relacionadas ao céu. Ao trazer o espaço celeste como um espaço geográfico é possível ter novas perspectivas sobre a experiência humana, resgatando essa conexão em um mundo marcado pela urbanização e pressa. As propostas metodológicas envolvem trazer a lugaridade do céu para debate através de fotografias tiradas por colaboradores, buscando retratar o cotidiano e as feições do céu na paisagem urbana de Curitiba. As experiências das pessoas ao registrar o céu tendem a criar um vínculo com aquele momento, restaurando as conexões com o céu que perdemos devido a expansão urbana. As fotografias criam uma relação entre o observador e o céu e essa pausa, transforma o céu em um lugar e delimita ele como um espaço de estudo, demonstrando que aquela cena faz parte do cotidiano como ator presente. Deste trabalho ficamos com a certeza de que existe uma relação expressa nas vivências humanas, mas como relacionar o ser humano, a



terra e o cosmo? Para responder a pergunta, devemos considerar que mesmo com todo aparato científico, que nos presenteia com a observação do espaço, o ser humano, do ponto de vista ontológico, ainda é o centro de um sistema cósmico.

DIALO GHUM

O LUGAR COMO PONTO DE PARTIDA PARA APRENDIZAGEM DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS

Ana Paula Araujo Vieira

(Faculdade Sesi de Educação de São Paulo - FASESP)
anapaulaaraujovieira82@gmail.com

Luiz Tiago de Paula

(Faculdade Sesi de Educação de São Paulo - FASESP)
luiz.paula@sesisp.org.br

Geografia. Aluno. Espaço. Experiência.

Neste trabalho, assumiremos a Geografia como o artifício mais poderoso para a educação básica, porque nela estão contidos os conceitos que interligam as nossas relações com o tempo-espaço, e é por ela que se faz necessário a ação inflamatória da análise do lugar, já que é nele que são armazenados o que há de mais valioso para o “ser”, mas principalmente para o “ser em formação”, as relações. Em decorrência das experiências proporcionadas na Residência Educacional, levantaram-se indagações através

das problemáticas apresentadas nas ligações estabelecidas entre o aluno e o bairro que este reside, arquitetando um arcabouço a ser explorado na docência, visto que as relações proporcionadas no lugar podem basear a análise, comparação e conceituação da Geografia, gerando a incorporação subjetiva desses conceitos. E será por meio do atual contexto da Residência Educacional, ou seja, a Escola Pública, que será possível viabilizar a análise proposta. Tal escola reside em um bairro repleto de equipamentos estamentais e municipais, munindo a comunidade e a escola de artifícios que organizam e corroboram para capacitar aquele espaço como um lugar potente da expressão cidadã, além da disponibilidade de parques e praças em bons estados, casas pertencentes a um modelo estável e estético, centro comercial e

diversas linhas que interligam a mobilidade do transporte público. A investigação inicia-se utilizando o conceito de lugar, sendo por sua assimilação ou pela diferenciação, seus signos e símbolos que se repetem (ou não). Na medida que o aluno se vê como protagonista de seu próprio conhecimento, já que nosso ponto de partida é a subjetividade do lugar, este constrói um olhar crítico sobre o meio. Nesse mesmo sentido, caminhará o questionamento desses formatos de leitura espacial. De igual modo, a leitura do lugar passa pelo esmiuçamento de suas relações temporais e espaciais, pelas mãos que tangem o mesmo. Desta forma, torna-se possível o estudante compreender o embaraçamento indissociável daqueles que vivenciam, manipulam e modificam o espaço e identifique quem delimita, restringe, exclui ou evidencia as inenarráveis ramificações e possibilidades. Estas são capazes de narrar e contar a história e organização do

lugar que habitamos, seus “porquês” se refletem nas construções, nos parques, na delimitação, na acessibilidade, na mobilidade e seus usos. O bairro é narrado por seus moradores e o que fazem para que este espaço se torne lugar, carregando em si a primeira relação da humanidade, a tricotagem da experiência proporcionada pelo movimento dialético entre o espaço e o “eu”. E é por ela que o aluno desenvolverá seu olhar crítico, ao analisar o bairro, a experiência se transforma em objeto de estudo para utilizar os óculos das convenções geográficas, viabilizando a expansão do seu olhar sobre a comunidade que reside, resultando em um arcabouço que mune o discente com a desnaturalização do ambiente para uma análise crítica que surge da subjetividade.

O CONCEITO DE LUGAR PARA EXPRESSAR: YI-FU TUAN NO ÁLBUM “A SINFONIA DE TUDO QUE HÁ” DO FRESNO

Nicolli Santos de Oliveira Farias
(Instituto Federal de São Paulo - IFSP)
nicolli.oliveira@aluno.ifsp.edu.br

Maira Kahl Ferraz
(Instituto Federal de São Paulo - IFSP)
mairakf@ifsp.edu.br

Geografia Humanista. Sentimentos. Letras de músicas.

O conceito de lugar é muito utilizado para analisar letras de músicas que conectam o compositor e o ouvinte a um espaço específico que desencadeia emoções semelhantes em quem vivencia e/ou pertence a tal lugar. No entanto, nem sempre quando o compositor descreve uma emoção ligada a um lugar específico é interpretada pelo ouvinte como ligado àquele lugar em si, mas sim a outros que o indivíduo vivencia, assim indicando a universalidade da expressão pela arte e dos aspectos dos lugares que evocam a topofilia. Desse ponto de vista, conceitos como lugar podem

ser utilizados para expressar sentimentos em que o ouvinte entenda a subjetividade que o compositor pretende passar, podendo levar a diversas interpretações individuais que possibilitam autoanálises mais profundas em relação aos sentimentos pessoais e com o entorno. Nas letras das músicas do álbum “A Sinfonia de tudo que há” da banda Fresno é necessária essa análise de reconhecimento de subjetividades entre compositor e ouvinte, principalmente na escrita romântica das composições que descrevem lugares e paisagens que evocam tais sentimentos. Com isso este trabalho tem como objetivo principal apresentar como as construções de lugares nas letras de músicas do álbum selecionado tem importância para a expressão de sentimentos. Para Tuan, diferente de uma geografia tradicional e puramente objetiva, é necessária uma geografia romântica para



complementá-la, dessa forma conseguindo exprimir a subjetividade do ser humano na sua relação com o meio, já que toda percepção do meio passa por essa subjetividade. Então a escrita romântica consegue expandir a visão sobre o meio ao incluir as interpretações subjetivas e estéticas que ultrapassam a análise puramente objetiva do espaço, assim revelando o sublime da paisagem e como ela ressoa no indivíduo. Seguindo isso o conceito de Lugar de Tuan é essencial para tal análise, haja vista que tal conceito significa um espaço em que, por meio das experiências, o indivíduo cria significados pessoais, assim não se referindo apenas ao espaço físico, mas sim à um espaço com significados construídos pela experiência, presença humana e suas relações, possuindo caráter de identidade e pertencimento. Com isso, o conceito de Topofilia também se mostra de grande importância, já que este representaria os laços afetivos entre os indivíduos e o meio, assim incluindo o sentimento de apego a lugares e a conexão emocional com paisagens e

ambientes naturais/construídos, os quais podem despertar sensações de pertencimento e afeição, como também sensações negativas de desamparo e medo. Além disso, o conceito de apinhamento também se mostra interessante para tal análise, haja vista que tal conceito representa a sensação subjetiva (e não necessariamente demográfica) do indivíduo de estar cercado por outras pessoas, assim restringindo a liberdade e espaço do indivíduo, ou seja, seria uma invasão do espaço pessoal que leva a percepção de perda de autonomia. Com isso, no álbum selecionado, as letras se destacam principalmente por: descrição do espaço urbano como um lugar que evoca a invisibilidade; o conceito de casa dependendo do contexto como um lugar de pertencimento e aconchego (segurança/estabilidade), e por outro lado como comodismo (alienação/desconforto), assim a falta de “casa” podendo ser tanto vista como um desamparo como uma abertura para o novo; entre outros pontos. Além disso, a utilização do conceito de poeira estelar em uma

das letras também encontra compatibilidades no exemplo dado por Tuan de geografia romântica em seu livro “Romantic Geography: In Search of the Sublime Landscape” ao citar Hendrik Willem van Loon e sua obra sobre a pequenez da biomassa humana. Assim nos dois casos expressando uma perspectiva da relação do humano com o meio de indiferença e insignificância do indivíduo para o meio.

DIALO GHUM



FRONTEIRAS EPISTEMOLÓGICAS ENTRE A GEOGRAFIA E A HISTÓRIA: COMO OS ALUNOS APREENDEM OS CONCEITOS DE ESPAÇO-LUGAR E TEMPO-DURAÇÃO?

João Vitor de Paula

(Faculdade Sesi de Educação de São Paulo - FASESP)
profjoaodepaula@gmail.com

Luiz Tiago de Paula

(Faculdade Sesi de Educação de São Paulo - FASESP)
luiz.tiago@faculdadesesi.edu.br

Interdisciplinaridade. Epistemologia. Ensino de Geografia/História. Espacialidade. Temporalidade.


Este estudo constitui-se em uma pesquisa bibliográfica-exploratória que visa compreender como os estudantes do ensino fundamental e médio apreendem os conceitos de Espaço-Lugar e Tempo-Duração, a partir da integração epistemológica e interdisciplinar entre as disciplinas de Geografia e História. Para tanto, utilizaremos como referencial teórico, o geógrafo Yi-Fu Tuan, e suas contribuições para uma Geografia humanística e cultural em seu texto

"Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência" (1983), e o historiador francês da terceira geração da Escola dos Annales, Jacques Le Goff, e suas contribuições teórico-conceituais para a Nova História, reunidas no livro "História e Memória" (1980). Essa pesquisa busca ressaltar, a partir das reflexões de Tuan e Le Goff, como os construtos de Espaço-Lugar e Tempo-Duração, apreendidos pelos alunos ao longo de seu percurso escolar, estão intermediados por processos que dizem respeito à relações epistemológicas inscritas nas bordas fronteiriças entre as disciplinas de Geografia e História. Destacaremos que a experiência intersubjetiva dos alunos, intermedeia seus processos de constituição de si mesmos enquanto sujeitos históricos, inseridos em uma espacialidade, que está completamente relacionada a aspectos da cultura material na qual



estes alunos estão inseridos. Desse modo, estamos considerando a primazia dos conceitos de Espaço e Lugar na estruturação das noções de distância. Categoria esta, que relaciona os conceitos de Espaço e Tempo em um contínuo indissociável. As concepções de espacialidade, formuladas no interior de cada cultura, requerem o uso de categorias que nos remetem a dimensão da temporalidade (passado, presente, futuro). Por isso, o sentido de Lugar, compreendido enquanto posição ontológica do Sujeito, se insurge enquanto dispositivo que engendra estabilidade, permanência e duração. A partir deste tecido, a lógica contida na disciplina de História, operacionaliza todo um processo complexo de elaboração da Identidade humana, realizada a partir de estreitas interações com a Memória e com a Cultura. Assim, os conceitos de Espaço-Lugar e Tempo-Duração, estão profundamente atravessados pelo contexto da pós-modernidade,

marcado pelo uso intenso da tecnologia. Esta, por sua vez, provoca mudanças nas sensações, percepções e concepções de Espaço-Lugar e Tempo-Duração, uma vez que, a tecnologia influencia significativamente na forma como esses alunos experienciam intersubjetivamente aspectos que instauram a memória individual e coletiva, e que condicionam sua compreensão de si mesmos enquanto sujeitos históricos, inseridos em uma espacialidade que se qualifica em Lugar, a partir da Experiência.



Sessão Temática 05

Existência e Experiência (15:15h) Sala (UL 70b)

Coordenação: Nelson Pacheco Jr. (Unicamp)

A ANGÚSTIA NO HORIZONTE DA EXISTÊNCIA: KIERKEGAARD ENTRE HEIDEGGER E ADORNO

Francisco Vinicius Holanda de Oliveira (Universidade Federal do Piauí - UFPI) viniciusholanda2002@ufpi.edu.br

Gustavo Silvano Batista
(Universidade Federal do Piauí - UFPI)
gustavosilvanoufpi@gmail.com

Angústia. Dasein. Estádios.

Ao longo de toda a sua filosofia, Søren Kierkegaard questionou-se sobre a existência humana como um ponto central de sua filosofia, sendo impossível dissociar o filósofo dinamarquês das questões que envolvem a ontologia mais pura dos seres humanos, que são as questões que o

gênero humano carrega consigo diariamente. Utilizando-se de diversos pseudônimos, ele abordou os mais diversos temas relacionados à vida humana, tais como angústia, desespero, amor, entre tantos outros. Neste contexto, o tema central deste trabalho é compreender o conceito de existência autêntica em Kierkegaard, que traça, delimita e entrega as rédeas do arado da vida nas mãos da angústia, considerando as interpretações de Heidegger e Adorno. Para o dinamarquês, a angústia é o momento responsável por revelar a essência do sujeito, especialmente na

consideração dos estágios da existência. Tais estágios são momentos pelos quais o sujeito angustiado deve passar para que a construção de si seja efetivada. À sua maneira, a existência kierkegaardiana é marcada por transformações e modificações, sendo um processo de constante movimento rumo a uma espécie de progresso. Por isso, os estágios estético, ético e o salto de fé são primordiais para a formação do ser. Tomando pensamento de Kierkegaard como herança. Heidegger e Adorno interpretam a angústia como um evento essencial não somente para a compreensão da filosofia Kierkegaardiana, mas para suas próprias filosofias. Em Heidegger, a angústia é um ponto existencial importante para a recolocação da questão sobre o sentido do ser, pois Heidegger acredita que esse processo existencial provocado pelo momento da angústia é fundamental na constituição do Dasein, surgindo como uma possibilidade fundamental da compreensão do ser humano. Ao mesmo tempo, Adorno, compreende a angústia como um

elemento central, na crítica social, pois apresenta a falta de síntese como um momento de desindividualização, ao contrário do processo de socialização própria do indivíduo. Por isso, tais autores se entrelaçam para juntos criarem um conceito de não entendimento de si mesmo, que gera o desespero. que se torna primordial para a formação do homem, pois sem a angústia, tudo se reduz á absolutamente nada.



A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A CONSTITUIÇÃO DO GEOSÍMBOLO: O MONTE DE ORAÇÃO CANAÃ, MOGI GUAÇU (SP)

Gabriel dos Santos Oliveira

(Universidade Estadual de Campinas - Unicamp)
g168770@dac.unicamp.br

Nelson Cortes Pacheco Junior

(Universidade Estadual de Campinas - Unicamp)
n229211@dac.unicamp.br

Eduardo Marandola Junior

(Universidade Estadual de Campinas - Unicamp)
ejmjr@unicamp.br

Lugar. Pentecostais. Sagrado. Geografia das Religiosidades.

O Monte de Oração Canaã, situado na cidade de Mogi Guaçu (SP), no limite urbano-rural do Jd. Leonor Franco, é um lugar onde o sagrado se desvela para grupos pentecostais e neopentecostais através da experiência religiosa que se promove mediante ao estar-junto-ao-outro. O nome “Canaã” é atrelado a suas condições

passadas, onde era acessado anteriormente por uma estrada de terra em uma das ruas Jd. Canaã II, antes do perímetro urbano o alcançar. A palavra Monte, comumente nos dicionários, se apresenta com significado associado a uma elevação do terreno em relação à sua área circundante, sendo sinônimo de morro, serra, montanha. Já na Bíblia, no Antigo Testamento a palavra constitui sentido adicional no primeiro encontro de Moisés com Deus, no Monte Horebe, com a manifestação do Divino na sarça em chamas; enquanto no Novo Testamento, com Jesus no Sermão do Monte. Nessas raízes bíblicas, a palavra é carregada de simbolismos para alguns religiosos cristãos, que extrapola sua topografia e passa a configurar lugares no qual o sagrado pode se desvelar.

Nesse sentido, existem algumas interpretações que propõem o Monte, segundo uma cosmovisão



pentecostal, como um lugar de aclave acentuado onde emana uma busca de contato íntimo com Deus na procura de maior comunhão entre os adeptos a esse modo de ser religioso. O Monte se dispõe como um local de oração, mesmo que por vezes individuais, mas onde o coletivo se sobressai nos pedidos dos fiéis, que oram pelas causas dos seus próximos. A subida ao Monte, por esse lado, seria parte de uma oração composta, um sacrifício, um início de um cerimonial religioso que visa a consagração para que o ápice dela seja atingido no topo, para que os pedidos e agradecimentos sejam levados até o Divino. O Monte de Oração Canaã, desta forma, figura-se como um lugar a partir do fenômeno desvelado, que se dá através do compartilhar da experiência religiosa, onde o sobrenatural pode se manifestar por meio da presença dos fiéis. Neste quadro, a manifestação sagrada não está conferida à espacialidade física e nem aos objetos do local, mas sim às experiências. Porém, o Monte de Oração Canaã, nessa situação, desponta uma

singularidade: seu caráter toponímico plano. Assim, este trabalho visa refletir no como se dá a nomeação do lugar enquanto um geossímbolo diante dessa particularidade, segundo a experiência dos fiéis, propondo-o como uma extensão que, por razões culturais ou religiosas, assume uma dimensão simbólica capaz de fortalecer identidades. A metodologia, portanto, envolve observação participante e a mobilização da experiência do próprio pesquisador junto-ao-outro no local com foco para o diálogo com os praticantes, adotando uma postura aberta para o conversar e o ouvir, buscando vivenciar o fenômeno no estar-junto-ao-outro, direcionando a experiência para desfazer os possíveis a priori.



HISTÓRIA, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO DA IGREJA DA SANTA CRUZ DAS ALMAS DOS ENFORCADOS

Priscilla Cássia Ferreira Vitorino

(Instituto Federal de São Paulo - IFSP)
priscilla.cassia@aluno.ifsp.edu.br

Maira Kahl Ferraz

(Instituto Federal de São Paulo - IFSP)
mairakf@ifsp.edu.br

Religiosidade. Cultura Popular. Resistência. Simbologia.

Esta pesquisa busca uma leitura geográfica, histórica e patrimonial sobre a territorialidade da Igreja da Santa Cruz das Almas dos Enforcados em São Paulo. A igreja foi construída em 1887 no bairro da Liberdade, localizada distrito central da Sé, onde originalmente ocorriam as execuções dos escravizados, condenados por crimes de insubordinação e desordem contra o regime da época do Brasil Império. O fato de muitos assassinatos terem sido praticados nesse local dão a ele, atualmente, um caráter de memorial às

almas daqueles que foram condenados à morte. As mudanças ocorridas com o passar dos anos configuram uma complexa relação entre os eventos que marcaram sua fundação e a religiosidade popular que a consagra até os dias atuais. Com o tempo, a igreja se tornou um local de culto popular, especialmente ligado às promessas e ex-votos de fiéis que buscam graças ou interceder pelos mortos. Em seu nome popular, Igreja das Almas, já podemos notar os resquícios dos eventos passados que evocam tanto uma conexão com a brutal realidade da violência estrutural sofrida pelos escravizados e marginais, como com a sacralidade de uma divindade que, aos poucos, foi sendo associada ao sofrimento e à resistência, transformando-se em um símbolo de proteção e resiliência para os oprimidos. Sua territorialidade se manifesta no espaço físico em



que está inserida, no centro de São Paulo, e também na sua dimensão simbólica, como um lugar de memória, de práticas religiosas populares e de resistência. Isso faz com que a igreja seja um ponto de encontro de diferentes expressões de fé e de identidades culturais, exercendo uma influência sobre a dinâmica urbana local e as práticas religiosas na cidade. Assim, a Igreja de Santa Cruz das Almas dos Enforcados se destaca como um espaço de territorialidade multifacetada, combinando aspectos históricos, religiosos e culturais que moldam seu papel no imaginário e no cotidiano de São Paulo.



Sessão Temática 06

Cultura e Cidade (15:00h) Sala (UL 70b)

Coordenação: Beatriz Santos de Souza (Unicamp)

ALÉM DO ESPORTE, CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS TORCIDAS DO FUTEBOL AMADOR DE CURITIBA

Gabriel Primo Bissolotti

(Universidade Federal do Paraná - UFPR)

bissolottigp1@gmail.com

Marcos Alberto Torres

(Universidade Federal do Paraná - UFPR)

marcostorres@ufpr.br

Curitiba. Taça Suburbana. Futebol amador. Torcidas organizadas.

O futebol é um fenômeno que permeia o cotidiano de pessoas em todos os lugares. Para além da prática esportiva, existe a formação de grupos que se territorializam fazendo com que este esporte saia do escopo das ciências do corpo e entre no

local de estudo das ciências humanas (Mascarenhas, 1999). Esses grupos vão desde as históricas e/ou recentes agremiações esportivas até as caravanas formadas por torcedores que trazem em si o objetivo de apoiar seu clube, em um território que não é o seu de origem. Damo (2005) define o futebol como uma estrutura principal que se ramifica em diversas matrizes, em especial a espetacularizada e comunitária. A primeira é regida de forma institucionalizada e possui forte caráter financeiro, sendo uma lucrativa atividade econômica que atrai investidores e empresários que lucram a partir do



esporte e dos sujeitos que conformam o futebol, movimentando bilhões de dólares todos os anos. Para efeito de mensuração, segundo a Fédération Internationale de Football Association - FIFA, durante o ano de 2023 foram movimentados U\$10 Bilhões apenas em transferências entre clubes, sem contar valores de ingressos, planos de associação, vendas de camisas entre outras práticas mercadológicas. Nesse cenário, percebe-se que o futebol profissional chegou em um patamar no qual as finalidades esportivas, sociais e identitárias são ofuscadas pela busca do lucro e da capitalização de suas atividades. A matriz comunitária, que abrange os futebolistas amadores e varzeanos, resiste à financeirização de sua prática, tendo tudo o que estrutura o futebol profissional – clubes, estádios, histórias e torcedores. O trabalho propõe entender a dinâmica das torcidas dos times amadores de Curitiba - PR que é, de certa forma, mais intensa do que as realizadas no futebol profissional, fato que se deve principalmente à maior proximidade entre clube amador e

torcedores. Por meio da análise da bibliografia existente e pesquisas de opinião com integrantes das torcidas dos times amadores de Curitiba – PR, essa pesquisa buscará investigar as construções simbólicas que mantêm o elo torcedor-clube e entender as razões que motivam estas pessoas a se envolverem com a matriz comunitária ao invés da espetacularizada. Preliminarmente é possível notar que a relação proximal entre os sujeitos que constituem o território e as instituições faz com que seja criado um ambiente democrático onde o torcedor é ativo nas ações decisórias do clube, ocorrência pouco vista no profissional. Outro fator característico visto no amador curitibano é o sentimento passado por gerações: torcedores mais velhos estimulam seus filhos a irem ao estádio e a jogar nas categorias juniores, fazendo com que haja renovação constante das pessoas que frequentam estes espaços. As torcidas organizadas, aos moldes das existentes no futebol profissional, são de incidência recente, sendo a Camisa 12, fundada em 2008 e ligada ao clube

Operário Pilarzinho (1951), a organização de torcedores mais antiga em atividade.

DIALOGHUM

A CIDADE E O EU: COMO ABORDAR AS ANÁLISES DA GEOGRAFIA E DA SOCIOLOGIA NA SALA DE AULA A PARTIR DA RELAÇÃO ENTRE ALUNO X PROFESSOR X CIDADE?

Samuel Satiro de Oliveira

(Faculdade Sesi de Educação de São Paulo - FASESP)
samuelsatiro80@gmail.com

Luiz Tiago de Paula

(Faculdade Sesi de Educação de São Paulo - FASESP)
luiz.tiago@faculdadesesi.edu.br

Espaço Urbano. Aprendizagem. Ciências Humanas.
Experiência.

O conjunto de diferentes atividades humanas realizadas nas grandes cidades fazem com que diversas experiências do espaço urbano sejam possíveis. Ao longo da vida, os modos de deslocamento pela cidade, as atividades de lazer, o local de estudo, trabalho e residência das pessoas se modificam, permitindo com que novas relações com o espaço da cidade e os fenômenos sociais correspondentes a ele e ao seu tempo histórico sejam construídas. Nesse sentido, as

experimentações da cidade diferem entre si, principalmente quando associadas a um local de troca e vivência como a escola: um estudante do Ensino Fundamental forma essas relações de forma diferente de um aluno do Ensino Médio, da mesma forma que o Professor experimenta a cidade a partir de um contexto diferente dos seus alunos. No entanto, como essas experiências são contempladas no processo de ensino e aprendizagem das Ciências Humanas na Educação Básica? Quais são os possíveis métodos que levam em conta a experiência do espaço urbano a partir da perspectiva Aluno x Professor x Cidade? Como permitir com que o aluno seja capaz de experimentar a cidade onde vive, analisar sua forma e refletir sobre os processos sociais a ela correspondentes? As perguntas anteriores foram levantadas como forma de

orientar o trabalho aqui exposto, buscando reflexões a partir das vivências possíveis do espaço urbano com o conteúdo ensinado nas salas de aula no que diz respeito as Ciências Humanas. Com isso, buscando fazer uma união interdisciplinar entre a disciplina escolar da Geografia e da Sociologia, o presente trabalho procura analisar como as diferentes relações com o espaço urbano são construídas no processo de aprendizagem do estudante, quais os fatores culturais e cognitivos que ajudam a formar sua compreensão a respeito dos processos geográficos e das relações sociais, ao passo em que ele começa a desenvolver suas próprias experiências a partir da ampliação de suas atividades cotidianas, e dessa forma evidenciar como esse processo também atravessa os professores e o espaço da escola. O trabalho foi concebido a partir de análises bibliográficas, como o livro “Espaço e Lugar” de Yi Fu Tuan, “Do Desenho ao Mapa” da professora Rosângela Doin de Almeida e o texto “A imagem da cidade” de Kevin Lynch, também foram utilizadas

observações das dinâmicas adotadas em sala de aula nas aulas de Geografia e Sociologia contemplando as Competências Específicas 2 e 4 da BNCC do Ensino Médio, assim como a realização de entrevistas semi-estruturadas com os alunos do 2º Ano do Ensino Médio da Rede SESI. Para contextualizar a análise, o estudo terá como local a cidade de São Paulo. Para trazer as questões apresentadas pelo trabalho a sala de aula, devem ser realizadas exposições, oficinas e rodas de conversa que permitam o registro das experiências a partir de produções artísticas e cartográficas e o compartilhamento das diferentes experimentações entre os alunos e o docente. Além disso, partindo do conceito de professor pesquisador, o estudo aponta a necessidade de o professor explorar o espaço urbano, uma vez que em sala de aula ele precisa engajar os alunos a experienciar a cidade, dessa forma, a experiência do educador é uma ferramenta pedagógica necessária para a aprendizagem dos alunos, e a investigação do meio permite com que



ele aprofunde suas metodologias nas aulas. Por fim, trabalho espera servir como material de reflexão e diálogo na formação do conhecimento escolar, assim como contribuir com a estruturação de metodologias e estratégias de ensino que levem em conta o papel da experiência dos estudantes e do docente na construção do pensamento crítico e do raciocínio geográfico que atravessa a Educação Básica.

DIALO GHUM



SKATE CULTURA: RESISTÊNCIA, OCUPAÇÃO E DIREITO À CIDADE E ENSINO DE GEOGRAFIA

Victor Carvalho Lazarotti

(Universidade Federal do Paraná - UFPR)

lazarotti.victor@gmail.com

Marcos Alberto Torres

(Universidade Federal do Paraná - UFPR)

marcostorres.geo@gmail.com

Skate. Geografia Urbana. Espaço Urbano. Geografia Cultural. Ensino de Geografia.

O skate, além de ser um esporte é uma forma de expressão cultural, pode se tornar uma valiosa ferramenta pedagógica no ensino de geografia na rede escolar do Brasil. Ao integrar o skate como metodologia escolar, é possível explorar diversos conceitos básicos da geografia urbana e cultural, promovendo um aprendizado mais dinâmico e envolvente. O skate permite que os alunos observem e analisem os espaços urbanos de maneira prática. Ao praticar o esporte em praças, ruas e outros locais públicos, os jovens se tornam

mais conscientes da organização do espaço urbano, das infraestruturas disponíveis e da interação entre as pessoas e o ambiente. Isso pode levar a discussões sobre a importância dos espaços públicos, acessibilidade, planejamento urbano e a relação entre a urbanização e a qualidade de vida. Além disso, o skate é uma expressão cultural que reflete as identidades locais e regionais. Cada comunidade possui sua própria cultura do skate, influenciada por fatores como música, arte e estilo de vida. Essa diversidade cultural pode ser explorada em sala de aula, permitindo que os alunos aprendam sobre a pluralidade das culturas brasileiras e a maneira como elas se manifestam em diferentes contextos sociais. O skate também pode funcionar como um meio de inclusão social, promovendo a convivência entre jovens de diferentes origens e incentivando o respeito à diversidade.





Anotações:

DIALOGHUM

DIALO GHUM



PPGeo - UEL



DIALO GHUM



PPGeo - UEL



DIALO GHUM



PPGeo-UEL



DIALOGHUM



PPGeo - UEL



DIALO GHUM



DIALOGHUM



PPGeo-UEL



DIALO GHUM



PPGeo - UEL



DIALOGHUM



PPGeo - UEL



DIALO GHUM



PPGeo - UEL





DIALOGHUM